



REP's - Revista Even. Pedagog.

Número Regular: Sociologia da Educação

Sinop, v. 9, n. 3 (25. ed.), p. 1002-1017, nov./dez. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

A DIALOGICIDADE NA CONSTRUÇÃO DO EDUCADOR-EDUCANDO E OS DESAFIOS À ESCOLA MERITOCRÁTICA¹

DIALOGICITY IN THE CONSTRUCTION OF A TEACHER-STUDENT AND THE CHALLENGES TO THE MERITOCRATIC SCHOOL

Keila Mara da Costa e Silva

RESUMO

Neste artigo discute-se a dialogicidade na construção do educador-educando e os desafios desta construção à escola meritocrática. Objetivou-se analisar as relações político-ideológicas construídas entre professores e alunos sob a perspectiva da práxis educador-educando. O referencial teórico-metodológico embasou-se na concepção filosófica de Paulo Freire e por meio da pesquisa qualitativa e entrevista semiestruturada com três professores atuantes no ensino fundamental. Conclui-se a urgência de se pensar a educação dialógica em oposição à escola capitalista e o poder da ideologia burguesa que priorizam o ensino pautado na meritocracia que descaracterizam o professor enquanto sujeito dialógico e transformador.

Palavras-chave: Educador-educando. Educação dialógica. Escola capitalista. Meritocracia.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A DIALOGICIDADE NA CONSTRUÇÃO DO EDUCADOR-EDUCANDO E OS DESAFIOS À ESCOLA MERITOCRÁTICA**, sob a orientação do Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/1.

This article discusses dialogicity in the construction of a teacher-student and the challenges of this construction within the meritocratic school scope. The main objective was to analyze the ideological/political relations built between teachers and students from the praxis perspective of an educator who is, at the same time, an educand. The theoretical framework was based on Paulo Freire's philosophical conception and used a qualitative research by semi-structured interview with three teachers who work in Elementary school. It was conclude the urgency of thinking about dialogic education in opposition to the capitalist school and the bourgeois power ideology that prioritize education based on meritocracy de-characterizing the teacher as a dialogical and transforming subject.

Keywords: Teacher-student. Dialogical education. Capitalist school. Meritocracy.

Correspondência:

Keila Mara da Costa e Silva. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: keilamara.cost@gmail.com

Recebido em: 20 de setembro de 2018.

Aprovado em: 24 de outubro de 2018.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3323/2392>

1 INTRODUÇÃO

A construção deste artigo deu-se na perspectiva da dialogicidade freireana. Ver a educação pensada a partir da urgência que todos temos de nos construirmos dia a dia como sujeitos politizados e críticos, portanto atuantes, no combate a naturalização das desigualdades sociais foi o motivo da escolha desta perspectiva.

A reflexão, discussão e análise das posturas ideológicas e políticas que ilustram a construção das relações dos professores com seus alunos, os anseios destes profissionais quanto às limitações e os desafios que enfrentam ao ensinar diante do formato atual da escola, foram aqui evidenciados. Visto que esta instituição tem preceitos profundamente enraizado na visão de que o trabalhador

² Resumo traduzido pela Professora Mestra Betsemens B. de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

precisa ser 'educado' para servir, servir aos ideais capitalistas que sempre cercearam nosso contexto sócio histórico, Freire (1989, p. 16), nos aponta que:

Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder. [...]. Os burgueses, antes da tomada do poder, simplesmente não poderiam esperar da aristocracia no poder que pusesse em prática a educação que lhes interessava. A educação burguesa, por outro lado, começou a se constituir, historicamente, muito antes mesmo da tomada do poder pela burguesia. Sua sistematização e generalização é que só foram viáveis com a burguesia como classe dominante e não mais contestatória.

Nessa medida, a problemática que “suleou”³ a investigação deste trabalho foi: Que relações político-ideológicas são produzidas no espaço escolar entre professores e alunos sob a perspectiva da práxis de educador-educando? Com a participação de professores atuantes em diferentes escolas municipais de Sinop, Mato Grosso (MT), foi possível categorizar dados que contribuiriam com a materialidade deste artigo.

Além de diversas obras do educador Paulo Freire, que é quem sustenta o núcleo desta discussão, outros autores que pensam a educação libertadora como Brandão (1981), Frigotto (1989), Luckesi (1991) e Saviani (1996) compõem o referencial teórico que tem por fim, contribuir para que o trabalho tenha o suporte necessário durante seu processo de construção, justificando assim o tema: a dialogicidade na construção do educador-educando e os desafios à escola meritocrática.

2 EDUCAÇÃO DIALÓGICA EM FREIRE

³ O conceito “Sulear” em Freire nos traduz a preocupação e cuidado deste pensador a respeito da dominação ideológica. Ele nos mostra que mesmo os termos que utilizamos cotidianamente, estão carregados da ideologia dominante. Chama a atenção dos(as) leitores(as) para a conotação ideológica do termo “nortear”. [...] O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. Foi uma colonização predatória, à base da exploração econômica. [...] Em decorrência, nossas heranças culturais nasceram embebidas de soluções paternalistas que forjaram o “mutismo” e a dependência brasileira. [...] Como contraponto ao “nortear”, cujo significado é a dependência do Sul em relação ao Norte, “sulear” significa o processo de autonomização desde o Sul, pelo protagonismo dos colonizados na luta pela emancipação. Implica uma ação autônoma desde o Sul enfrentando a integralidade das questões presentes na colonialidade do saber e do poder que tem a ver com outro projeto de vida envolvendo a cultura, a economia, a política, a ciência e outras dimensões (REDIN; STRECK; ZITKOSKI, 1998, p. 396).

Contrapondo a visão unilateral de educação, Freire construiu sua filosofia voltada para a valorização do homem, pensando assim, uma educação pautada no diálogo do homem com o homem e com o mundo por meio de sua práxis. Uma construção de sujeito que o permita ter condições de compor-se da criticidade transformadora.

No processo educacional dialógico o educador é educando e o educando é educador. Essa relação permite que seus sujeitos se façam e se refaçam no cotidiano, fato que permite que estes vivam dinamicamente conhecendo sua realidade e assumindo práticas transformadoras com relação a esta.

Diante disto, a filosofia freireana coloca as relações humanas como o centro do processo educativo, no qual o diálogo é o mediador das rupturas que sustentam essa construção. Freire (2013, p. 108) nos diz que “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” Em sua práxis, o educador constrói as ações nas quais emergem a relação dialógica que eleva as vivências de seus educandos ao mesmo tempo em que é revelada sua postura política transformadora do mundo. O educador transformador ensina e ao mesmo tempo aprende, pois valoriza o homem e sua construção histórico-cultural.

De acordo com Freire (2013, p. 110) a relação dialógica se firma na compreensão de que “o diálogo é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns dos outros. É um ato de criação.”. É um encontro dialético de problematização acerca da postura do homem com o mundo.

Admitindo que o homem é o ser que transforma o mundo, e, se constitui como sujeito por meio de suas práticas conscientes, a educação freireana considera que o educador percebendo sua condição existencial de classe trabalhadora, constrói-se como tal cotidianamente por suas práticas. Portanto, esta educação defende que a formação dos professores deve levá-los além da sala de aula.

Em seu livro **Pedagogia da Autonomia**, Freire (2013, p. 65) nos lembra que “a luta por melhores condições de trabalho é sinônimo de busca por dignidade, e, que tal prática é genuinamente trabalho Docente”. Isso nos possibilita a reflexão acerca da práxis do professor educador, dentre as necessidades que revelam práticas humanizadoras, postura responsável ética e consciente, para que se construa de fato a relação de diálogo entre professor e aluno. Nessa perspectiva, Brandão (1981, p. 6-7) explica que:

Quando um povo alcança um estágio complexo de organização da sua sociedade e de sua cultura; quando ele enfrenta, por exemplo, a questão da divisão social do trabalho e, portanto, do poder, é que ele começa a viver e a pensar como problema as formas e os processos de transmissão do saber. É a partir de então que a questão da educação emerge à consciência e o trabalho de educar acrescenta à sociedade, passo a passo, os espaços, sistemas, tempos, regras de prática, tipos de profissionais e categorias de educandos envolvidos nos exercícios de maneiras cada vez menos corriqueiras e menos comunitárias do ato, afinal tão simples, de ensinar-e-aprender.

Sendo assim, o educador freireano é aquele que se desconstrói e se constrói se desconstruindo novamente, em processo de ação-reflexão-ação, ou seja, não admitindo um percurso linear no processo educacional, mas revelando-se dialeticamente com o mundo. Assim, conscientizando-se de que essa relação é construtora de sua práxis que precisa ser firmada na responsabilidade e amorosidade de ensinar sob a perspectiva humanizadora.

A práxis do educador é forjada em meio a um contexto em que a escola em si é pensada para atender à 'necessidades' sociais que confrontam a própria maneira de educar para liberdade, e isso acarreta em uma visão às vezes superficial do que de fato é a relação dialógica e como se constrói. Contudo, é em meio a essas dificuldades que o professor educador entende a realidade, e esperando em sua práxis constrói uma educação que liberta de fato oprimido e opressor.

3 PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO MERITOCRÁTICA E BUROCRÁTICA: o papel da práxis freireana

A educação transformadora de Freire é na verdade uma corrente filosófica da práxis, pois defende o direito de todos os homens de se construírem sujeitos em uma relação problematizadora e crítica da realidade com o mundo e não para o mundo. Freire (2013, p. 161) afirma que "o homem é o ser da transformação e não da adaptação". A educação freireana se faz necessária a cada dia porque compõe-se pela importância histórica do homem, sujeito livre.

À luz da filosofia freireana, refletimos sobre as discrepâncias que resultam de uma educação com ideais meritocráticos, que constroem no oprimido 'hospedagem'

para o opressor, fenômeno este, que revela que a escola capitalista cumpre o papel para o qual foi designada ao longo da história.

É preciso salientar que o formato da escola atual, composta por ideais meritocráticos, é resultado de todo enraizamento histórico desde a colonização. Freire (2001, p. 75) nos alerta que “Os nossos colonizadores não tiveram – e dificilmente poderiam ter tido a intenção de criar, na terra descoberta, uma civilização. Interessava-lhes a exploração comercial da terra.”

A ‘política’ da competição reforçada e mantida dentro do ambiente escolar traz como resultado a marginalização daqueles que ‘não conseguiram’. Os considerados ‘fracassados’, que são os trabalhadores, vítimas das relações de produção social injusta, produzindo assim uma ilusão de que a educação é igualitária e que esse processo se realiza sem distinção. Essa ilusão se funda em um discurso ideológico que, se situado no campo de oposição ideológica de humanização e libertação, a evidenciam como uma educação hipócrita⁴ porque mantém inalteradas as relações de opressão sobre o oprimido.

A força da construção histórica inevitavelmente conectada a ideologia dominante, refletida na escola e, portanto, na atuação do professor que é limitado e aprisionado por fórmulas ‘uniformes’ de ensinar para atender e fazer girar a engrenagem capitalista, gera limitações. Limitações estas, responsáveis pelos equívocos que atrelam as teorias construtivas e dialógicas a formulas tradicionais, fazendo com que a mais criativa das vertentes educacionais seja praticada como metodologia engessada, que, por conseguinte é vista como ineficaz em sua forma tradicional de ensino.

Freire (2013, p. 43) enfatiza que “o grande desafio para a pedagogia transformadora, consiste em libertar o oprimido do opressor. Entendendo que o oprimido é “hospedeiro” do opressor”. Ou seja, por meio das relações de desejo de poder do homem, e, forjadas na sociedade capitalista burguesa, há a ideia de ascensão que leva o oprimido ao desejo de sair desta condição por meio da dominação de outros, revelando-se opressor. Mesmo o mais simples dos homens é suscetível à necessidade de se impor sobre outros.

⁴ Hipócrita: Falso, fingido, mentiroso. (FERNANDES, 1990, p. 508).

As relações construídas entre educador e educando inevitavelmente explicitam posturas políticas e também concepções ideológicas. Esse fenômeno se dá pela práxis do educador que segundo Saviani (1996, p. 58) “é precisamente aquele que educa, portanto, aquele que realiza, que desenvolve a ação educativa. Para uma ação coerente e eficaz, ele necessita de fundamentação teórica.”

A práxis se traduz na construção que faz e refaz o sujeito o compondo ao longo de sua existência. Construção feita a partir de suas vivências, sua leitura de mundo, somadas às teorias que esclarecem e solidificam sua postura crítica, ilustrada por suas práticas diárias. Saviani (1996, p. 124) esclarece que:

Práxis é entendida aqui como uma atividade humana prática fundamentada teoricamente. Tal conceito implica, então, uma unidade dialética entre teoria e prática, o que significa que se trata de uma atividade cujos objetivos não se realizam apenas subjetivamente; ao contrário, trata-se de resultados que se manifestam concretamente. [...] E quem faz o sistema educacional são educadores quando assumem a teoria na sua práxis educativa, isto é, quando a sua prática educativa é orientada teoricamente de modo explícito.

Em um processo educacional dialógico é impossível então, que o educador separe sua forma de ver o mundo de sua forma de agir perante seu educando. Freire (2013, p. 94) afirma que “ensinar exige comprometimento”. Ou seja, o educador precisa ter consciência de que sua postura política irá influenciar as vivências e a maneira de ver o mundo de seu educando. Seguindo, ele relata:

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que minhas preocupações centrais deva ser a de procurar aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo.

O conceito de política, aqui discutido, trata da postura do homem enquanto ser social. Ou seja, sua postura diante do mundo e com o mundo. Admitindo o homem, como um ser social, é impossível negar que este é também político. Contudo, a força da ideologia burguesa leva a classe social empobrecida a vertentes que a distanciam do conhecimento que a libertaria.

O educador dialógico se percebe como ser condicionado, porém é atuante por meio de sua práxis, e, em suas práticas diárias, luta contra a forma alienante e

dominadora de educação servente ao capital. Contrapondo a visão de educação pela dominação e esclarecendo sobre a postura política no ato de educar, Freire (1989, p. 15) aponta que:

Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa.

Esta ‘neutralidade’ é revelada pela negação e omissão do professor de assumir postura crítica frente às adversidades político-sociais. Contudo, ao se omitir diante das lutas travadas politicamente, o professor acaba assumindo uma postura perigosa, pois quem não luta contra, apoia o dominador. Porém, é preciso ressaltar que esta neutralidade, muitas vezes mascarada como liberdade de expressão, é mais um resultado da organização social que priva o trabalhador de se reconhecer como sujeito de direitos frente a seu meio social. Arroyo (1981), citado por Frigotto (1989, p. 162) afirma que:

O mais grave na relação entre escola e a formação da classe trabalhadora no Brasil é que se fez de tudo para que o trabalhador não fosse educado, não dominasse a língua, não reconhecesse sua história, não tivesse a seu alcance instrumentos para elaborar e explicitar o seu saber, sua ciência e sua consciência.

Quando o professor assume-se neutro ao ensinar, ele está reproduzindo o que foi internalizado e naturalizado ao longo do processo histórico.

4 O PROFESSOR MERITOCRÁTICO E O EDUCADOR DIALÓGICO: narrativas do sujeito professor entre a reprodução e a práxis

Para a construção da metodologia deste trabalho, nos valem da pesquisa qualitativa, pois segundo Triviños (1987, p. 137), esta “não admite visões isoladas, parceladas, estanques”. Contribuindo com a materialidade da pesquisa, e para uma melhor compreensão de como se dá a relação teoria e prática nas escolas e o alcance dessas relações nas vivências de professores e alunos do ensino

fundamental, este capítulo conta com a categorização da empiria da pesquisa revelada pelos sujeitos participantes captada pelas entrevistas semiestruturadas, Triviños (1987, p. 146) justifica que “esta, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.”

Os entrevistados foram três professores atuantes em escolas públicas municipais de ensino fundamental de Sinop, Mato Grosso (MT) em 2018. Aqui denominados, F, M e C. Esclarecemos que o tempo de atuação docente referente a cada um é: Professor F, um ano e meio, e os Professores M e C, dezenove anos

A categorização dos dados da empiria revela a dissimulação que o sistema capitalista articula fazendo com que a escola tenha o professor como reprodutor de práticas promovedoras da educação pela competição e adequação. Ou seja, ao ignorar o real significado de relação dialógica, o professor admite em suas práticas a ideia errônea de diálogo como mera troca de ideias, e isso dá lugar a meritocracia.

Ao ser indagado sobre sua compreensão de relação dialógica e se esta poderia potencializar o educando, o entrevistado, explica:

(01) Professor F: Com certeza, porque se o professor tem uma concepção que ele vai chegar lá e depositar o conhecimento sobre a criança, é errado. [...] ele ajuda na construção da identidade da criança, as implicações da cultura dela, o que ela representa dentro daquele meio. Se o professor não tem um bom diálogo com a criança, ele não vai desenvolver um bom trabalho, [...] ele não vai ter aquele compartilhamento de ideias, ele não vai ter um respaldo do que a criança aprendeu ou não. Porque ela pode ficar lá no cantinho, fechada, se você não tem um diálogo, não tem um contato, você não conhece o aluno. Se chegar o momento de fazer um relatório por exemplo, você não consegue, o que você vai escrever? Muitos usam aquela base do relatório para o “aluno bom”⁵, “aluno mais ou menos” e o relatório para o “aluno excelente”, daí só vai mudando o nome e o gênero, masculino ou feminino.

⁵ As aspas utilizadas no corpo do texto dos entrevistados são descrições de seus próprios gestos no ato da entrevista.

O entrevistado, Professor F, associa o diálogo como a perspectiva de situar as dimensões culturais do aluno, sua identidade, apresentando o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem. Há particularidade necessária evidenciada em sua compreensão que o educador tem de empreender em sua prática docente leituras efetivas com as realidades culturais de seus educandos que o implique a condição de sujeito real. Há aí uma posição necessária que o educador tem de conduzir; a disponibilidade a realidade, como esclarece Freire (2013, p. 132-133) ao relatar que:

É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora do risco da disponibilidade. [...] Testemunhar a abertura aos outros a disponibilidade curiosa à vida aos seus desafios são saberes necessários à prática educativa.

Paulo Freire refere-se a disponibilidade da curiosidade à vida. O educador em sua prática docente investe-se dos riscos à vida do outro apreendendo como compósita para sua própria construção docente. O professor F faz emergir essa leitura do papel da disponibilidade para o aluno.

No entanto, nota-se que em meio a preocupação que demonstra em suas práticas a indispensabilidade de ocupar-se em interagir e conhecer seus alunos, há o perigoso equívoco de desconhecimento de conceitos pelo professor, e, a dissimulação destes pelo sistema educacional capitalista. Isso fica claro quando o entrevistado salienta preocupação em estabelecer o diálogo para conhecer seu aluno e assim ser possível redigir o relatório, ferramenta constantemente utilizada, e, exigência das escolas para 'diagnosticar' a aprendizagem do aluno. Esse equívoco na compreensão do que de fato seja diálogo, acarreta na internalização dos professores de que este relatório realmente funcione como aliado no ato de ensinar.

Ao final de sua fala, o professor deixa claro que por ser difícil fazer o relatório de crianças 'fechadas', muitos professores usam um relatório base, mudando apenas os nomes e o gênero das crianças. Ou seja, o relatório é um meio de uniformizar o aluno, desconsiderar suas especificidades, e ao mesmo tempo usar os critérios meritocráticos para dizer se este assume o lugar de regular ou excelente.

A meritocracia fica evidente nos mecanismos de ensino da escola capitalista e o resultado disso é refletido nas práticas de professores, que mesmo pensando exercer práticas que potencializam seus alunos, acabam sucumbidos a naturalização da competição que rotula a todos. Nessa perspectiva tanto o professor quanto o aluno são tidos como bons ou ruins. Dentro dessa lógica, fica descartada qualquer análise de contexto histórico.

Idealizando e internalizando a naturalização de que o ‘fracasso’ é de responsabilidade do ‘fracassado’, nesse caso a classe empobrecida, tem neste processo de exclusão, toda a injustiça sofrida totalmente desconsiderada. A abstração de uma sociedade igualitária e pautada no indivíduo ganha força nesse contexto, violentando assim a condição existencial do sujeito, dissimulando as desigualdades sociais, ferindo o direito humano a educação que de fato educa.

São dessas relações, então, que é forjado o professor meritocrático, oposto do educador, conceituado em Freire; aquele que em sua relação dialógica com o mundo, reconhece-se condicionado, mas constrói sua práxis na luta que trava em nome da educação que liberta.

(02) Professor F: Só que o professor nunca pode desistir. Olha, você sai da academia, mas você nunca está pronto. Cada dia é algo novo, é mudança, seja no planejamento, seja no trabalho diário. Às vezes você prepara algo e mostra para a criança e percebe que é dificultoso pra ela, o que é fácil para um, não é para o outro. Aí você tem que ir mudando, através dessas relações, você vai rompendo as barreiras, porque cada é uma diferente da outra. Dentro de sala de aula, tem o professor que quer moldar as crianças para serem iguais. Não existe formula de ensinar a ser professor, como dar aulas, é uma coisa que funciona como remédio, as vezes o que dá certo para você, não dá certo pra mim, nossos metabolismos são diferentes. Por exemplo, se eu escolher ensinar sobre uma árvore, e falo de manga, a criança não conhece manga, eu conheço, mas isso não faz sentido para ela. Eu preciso ensinar partindo do contexto dela.

Ao enfatizar que “que o professor nunca pode desistir”, “você sai da academia, mas nunca está pronto”, ao admitir cada dia como possibilidade para aprender algo novo, a forma com que explicita a necessidade de ensinar partindo do

contexto do educando, e o fato dele estar atuando em um contexto escolar capitalista, o que traz limitações e até mesmo implicações de ordem de subsistência, mostram que este professor vai de encontro aos ideais de construção pela práxis que forjam o educador. Sendo assim, Freire (2013, p. 50) relata que:

Como professor crítico, sou um “aventureiro” responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo e a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento

A pergunta acerca da compreensão da relação dialógica foi feita desta vez ao Professor M, sua resposta foi:

(03) Professor M: Sem dúvida nenhuma, esse eu acho que é um dos pontos fundamentais. Estamos vivendo um período muito difícil, onde os alunos têm pouca relação familiar, diálogo, conversa, ensinamentos, inclusive muitas vezes dúvidas que trazem, e você acaba trabalhando com eles coisas que não estão no seu planejamento. São coisas que vão além do que você planeja. Então essa relação é de suma importância para que também alcance dos seus objetivos. Muitas vezes você percebe que aluno Y, aluno X apresentam dificuldades na aprendizagem, se você não tiver essa relação além de professor, você não vai conseguir ajudar.

Ao ser indagado sobre possíveis impedimentos da construção do diálogo, ele respondeu:

(04) Professor M: Muitas vezes você deixa de manter essa relação, pelos próprios alunos. Tem alunos que não se deixam levar por esse lado da relação. São alunos mais introvertidos, não conseguem se relacionar nem com o professor e muito menos com os colegas. Então você acaba limitado porque o aluno não dá abertura para que você chegue até ele.

A fala deste professor remete ao fato deste enxergar o diálogo como meio para se aproximar dos alunos, até mesmo em casos de resolução de problemas familiares, isso implica na compreensão de que o diálogo seja ineficaz para os

alunos considerados introvertidos. Ou seja, o aluno acaba sendo culpabilizado por ser introvertido, não possibilitando com isso, a aproximação que segundo o professor é necessária para a construção da relação dialógica.

No caso do Professor C, a resposta para definição de relação dialógica foi descrita enfaticamente da seguinte maneira:

(05) Professor C: Na minha concepção é o principal meio de comunicação entre professor e aluno. Quando a gente 'tá trabalhando, principalmente matemática, que é uma matéria abstrata, e muito mecânica do ponto de vista acadêmico, se você não tiver um diálogo com o aluno para você desmistificar a matemática, a concepção desse aluno em relação a matemática se torna um bicho de sete cabeças. Esse diálogo com o aluno desmistificando a matemática tornando uma disciplina simples, com brincadeiras, com comparações, com acontecimentos do dia-a-dia, transforma a aprendizagem em significativa.

Ao admitir que em sua concepção o diálogo é o principal meio de comunicação entre professor e aluno, e, reduzindo este conceito a conversação, que leva a esclarecimento acerca da disciplina, este professor relaciona o diálogo a meros minutos em sala de aula, momentos de explicação da matemática, como ele citou acima.

Essa equivocada compreensão de diálogo é mais um dos resultados gerados pela educação fragmentada a qual o capitalismo permite a classe dominada, e, permite porque é preciso que a maioria, "os esfarrapados do mundo", como diria Freire, acreditem ser livres. Diante das muitas facetas e armadilhas capitalistas, a escola que se tem, enclausura o professor também na condição de não compreensão de conceitos, fato que nega a ele a possibilidade de desenvolver um olhar crítico diante do que lhe é imposto.

Ao não construir essa criticidade que leva a problematizações acerca das imposições que recaem sobre este trabalhador, o que se instaura é a reprodução da ideologia da classe dominante. Essa condição de 'enclausuramento' que o leva pensar que conhece os movimentos que cerceiam o ensinar, acaba levando o professor a perigosa e injusta competição da qual discutíamos anteriormente, a meritocracia.

Quando perguntado sobre a existência de possíveis impedimentos ao diálogo, o professor responde:

(06) Professor C: Para mim, não! Eu sempre consegui o diálogo. De uns, você se aproxima rápido, outros levam um tempo mais pra aceitar um diálogo porque dependendo das faixas etárias em que trabalha você tem que ensinar, conectando a vida social. Você tem que mostrar para ele que o mundo é uma competição, essa competição já começou, e, ele tem que acordar para a vida!

Essa resposta evidencia que a compreensão equivocada de diálogo, leva o professor a acreditar que seu papel é fazer o aluno entender a vida como uma competição, e que este não pode 'perder' tempo. Ao acreditar nisso, o professor exerce práticas que ilustram sua visão de mundo e concepção ideológica, condicionada pelo sistema meritocrático. Luckesi (1991, p. 54) nos lembra que:

A educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas ora conservadora, ora renovada. Evidentemente, tais tendências se manifestam, concretamente, nas práticas escolares e no ideário pedagógico de muitos professores, ainda que estes não se deem conta dessa influência.

O profissional acredita estar elevando seus alunos quando os incentiva a serem os melhores na 'competição que é a vida'. No entanto, é notório que este processo é excludente pois desconsidera as singularidades. A leitura de mundo, tempo e formas de aprendizagem e historicidade são totalmente desconsideradas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo acerca do que foi discutido até aqui, percebe-se que da mesma maneira que há distinção entre a educação capitalista e a educação dialógica, há também, por conseguinte, a distinção entre o professor servente a escola capitalista, professor meritocrático, e o educador dialógico, freireano. No entanto, a escola que temos é capitalista, portanto, tanto o professor meritocrático quanto o educador libertador são frutos do mesmo sistema de organização social. Contudo, a postura política revelada pela práxis de cada um faz com que estes sujeitos sejam distintos

em suas relações com o mundo em meio ao processo de aprendizagem. É possível perceber a conexão e visão de mundo dos sujeitos e, o que resulta disto é materializado em sua postura política e ideológica.

É preciso salientar que a força da ideologia dominante sobre a classe trabalhadora, que é ilustrada também nestas entrevistas, é resultado de um processo histórico longo e intencionalmente articulado na exploração e expropriação. Enraizamento histórico e ideológico oriundo do formato de educação que foi e é diariamente forjado nos preceitos do capital, onde os homens se veem como seres incapazes, fragmentados, e essa incompletude, vista pela ótica da inculcação de sua própria culpa, faz com que vivam a eterna busca de se completarem à custa da opressão, fenômeno que o torna oprimido e ao mesmo tempo opressor.

É classificando e dividindo a classe trabalhadora que a dominação burguesa ganha força e se instaura. Neste contexto de luta contra a desumanização proporcionada pelo capitalismo e a dominação burguesa, é que Paulo Freire construiu sua filosofia libertadora que defende que a educação como prática de liberdade é especificidade humana, e, que tal processo consiste na relação dialógica.

O educador freireano percebe-se inacabado, mas ao contrário do meritocrático, é consciente de que sua composição se dá com o outro em suas relações com o mundo, lutando diariamente contra as armadilhas do conformismo da naturalização da exploração. Este educador investe-se de amorosidade e humildade, se dispõe a aprender com seu educando, pois além de saber que como seres inacabados aprendemos sempre, ele tem consciência de que o processo de humanização se dá apenas pelos homens. Sendo assim, sua práxis libertadora é forjada na intensa negação e luta diante da opressão revestida de meritocracia.

Por outro lado, o professor meritocrático reproduz a opressão em sua prática porque não se trata somente de admirar o opressor, trata-se da busca do reconhecido pelo status social, econômico e político daqueles que vivem os privilégios de uma sociedade exploradora: uma busca de igualdade desigual. Assim, ele é oprimido por estar preso a essa interminável busca e também opressor de si mesmo e de sua própria gente!

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

_____. **Educação Como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 54. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

PROFESSOR F. **Professor F**: depoimento [09 maio 2018]. Entrevistadora: Keila Mara da Costa e Silva. Sinop, MT, 2018. Gravação digital (16,3 MB). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

PROFESSOR M. **Professor M**: depoimento [10 maio 2018]. Entrevistadora: Keila Mara da Costa e Silva. Sinop, MT, 2018. Gravação digital (7,25 MB). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

PROFESSOR C. **Professor C**: depoimento [16 maio 2018]. Entrevistadora: Keila Mara da Costa e Silva. Sinop, MT, 2018. Gravação digital (15,2 MB). Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HIPÓCRITA. In: FERNANDES, Francisco, **Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa**. São Paulo: Globo: 1990.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Autores associados, 1996.

SULEAR. In: REDIN, Euclides; STRECK, Danilo R; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário de Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.